

Conclusão

As esculturas de Richard Serra representam o lugar mais avançado atingido pelo modernismo em direção a uma exterioridade plena. O que se seguirá, provavelmente, serão obras que não mais necessitam da materialidade para se colocar no mundo e tornar-se acessíveis a todos. Deslocando-se, portanto, da lógica construtiva moderna, que na América do Norte está baseada no trabalho como ascese. É claro, sempre se pode argumentar, que a eliminação do objeto cumpre com o desígnio de uma ética que deseja livrar-se do sensível, já que o corpo é o maior obstáculo para o pleno cumprimento de seus princípios morais.

Não descartamos tal possibilidade, contudo, algumas alterações nos fundamentos da atual situação histórica nos leva a crer que o esforço do fazer e os objetos por ele produzidos, brevemente, não poderão mais ser justificados nem por uma ética protestante nem laica. É possível que se justifiquem no contexto do capitalismo. O que de fato nos parece evidente é que os fundamentos para um outro tipo de fazer, subentendem a eliminação completa da dualidade entre natureza e cultura. As produções atuais não oscilam mais entre esses dois pólos. Falando como Emerson, “tudo é *natura naturans*”, inclusive a cultura humana, ou tudo é cultura, a natureza inclusive. Os pensadores da Escola de Frankfurt instituíram uma maneira nostálgica de reflexão sobre a cultura, que contaminou o século XX, tendendo a nos acorrentar numa crítica melancólica. Porém, não podemos esquecer que o mundo já foi bem pior, em quase todos os aspectos, do que é hoje. A barbárie da Guerra, a movê-los a uma crítica ao esclarecimento, não está restrita a II Guerra. Ela sempre existiu em igual proporção ao esclarecimento.

Viver num mundo não essencialista deixou de constitui um problema a ser enfrentado e superado. Um mundo de aparências, onde apenas acontecimentos possuem status ontológico, não causa mais sofrimento, pelo contrário. Livre da angústia declaradamente moderna para estabelecer uma nova ordem para as coisas, ou para dar sentido a uma realidade sem sentido, a arte agora, acostumada à falência dos paradigmas, poderá apresentar outros interesses. As poéticas atuais parecem apontar para o caminho da exaltação do provisório. Não tanto para demonstrar a passagem do tempo, mas para adaptar-se ao modo de agir de certa

situação histórica, que restringe a produção material por motivos éticos, ecológicos e filosóficos.

Convencidos de que o momento de crise da racionalidade já passou, resta-nos olhar o que sobrou. A tragédia em Pirandello, para usar uma referência recente no texto, não é a existência de múltiplas subjetividades, ou seja, a ausência de uma unidade racional que dê segurança, mas sim a impossibilidade de viver quantas subjetividades desejarmos,¹ mais ou menos como queria Duchamp. O mundo virtual, num certo sentido, nos possibilita tais vivências. Portanto, não nos parece correto assumirmos uma postura nostálgica, quando o que se nos apresenta é somente uma outra forma de experiência.

É claro que as poéticas modernistas tenderão a encontrar divergências de ordem prática frente à mudança na forma de conceber o existente e de conceber e realizar experiências. Mas a arte de Richard Serra demonstra bem como transições históricas lentas permitem uma adaptação aos novos modos de atuar e pensar, ao adotar tecnologias recentes. O principal em nosso entender é não encarar mudanças históricas como desastrosas para o *modus vivendi* do homem, pois este adapta-se ao fim às novas situações. Além disso, apocalipses anunciados são como grupos revolucionários, não vingam. A cultura dominante trata de se apropriar deles o mais rapidamente possível, institucionalizando-os, tornando-os banais.

Devemos também discordar de um pensador como Gianni Vattimo que pensa estarmos presos à modernidade por não conhecermos outro modo de transformação além da análise crítica, que é um instrumental moderno. Ora, se a obra de Richard Serra vem se tornando anacrônica é justo porque utiliza o “método” crítico. E, o que não a faz totalmente *passé* é, além de sua qualidade, a atual flexibilidade do mercado para acolher as mais variadas formas de manifestação artística.

Perdemos a ingenuidade, a utopia, e a vontade construtiva, certo, mas para quê precisamos delas, afinal? A arte, Argan sempre esteve correto, pode acabar, ou já está acabando, transformando-se noutra coisa, diferente daquele axioma de verdade concebido pelo Ocidente. Nada nos garante que o novo estatuto da arte

¹ Ver “Conversando com Pirandello”, por Sérgio Buarque de Holanda. Apêndice de *Um, Nenhum e Cem Mil*.

não venha a satisfazer plenamente os homens das próximas gerações e que elas serão piores do que as precedentes. Pelo menos não é o que a história mostra.

Se o mundo já foi bem pior, ele também já foi bem igual ao que é hoje. Basta lermos Montaigne para confirmarmos a máxima de Goethe: “a humanidade é monotonamente parecida”. Portanto livrarmo-nos do jeito panfletário de lidar com as transformações históricas é um ganho soberbo, assim como o é livrarmo-nos da mentalidade construtivista, fundada na obsessão dos gregos pela teleologia. Também é muito bom não termos mais que enfrentar a natureza. Como escreveu ironicamente o francês Bruno Latour:

“Graças a Deus a natureza vai morrer. Sim o grande Pan está morto! Depois da morte de Deus e da morte do homem, será preciso que a natureza, ela também, acabe por ceder. Já era tempo...”²

Como dissemos no início do capítulo IV, não nos sentimos em condições de concluir muitas coisas. Tampouco sobre uma produção artística ainda em processo. O estudo sobre a obra de Richard Serra, entretanto, nos serviu para revermos certas posições. Serviu, sobretudo, para nos tornarmos flexíveis frente às mudanças históricas, menos chorões mesmo, nos permitimos dizer. Claro que amamos as telas de um Rothko, e gostaríamos que o resto da vida se nos fossem apresentadas pinturas que nos emocionassem tanto quanto as suas, ou as de Anselm Kiefer, ou as construções de feltro de Joseph Beuys ou o Número 32 de Jackson Pollock, o retrato de El Greco no Metropolitan, a sala do Velásquez no Prado e a de Rembrandt no Royal Museum. Sim, amamos essas belezuras da cultura, mas é preciso abrir-se para o porvir e lembrar que não fosse a dinâmica da cultura, estaríamos até hoje pintando cavernas. Por isso, concordamos plenamente com Latour, pois a natureza, além de opressora, é de uma monotonia incalculável diante das criações humanas. Ela só se torna realmente interessante quando vista sob o microscópio, sob os olhos da ciência, que é criação humana.

Acabamos sempre em Nietzsche, “equivalente mais próximo de Emerson”³. A fundação de um novo humanismo é como a contemporaneidade se nos afigura,

² Latour, p. 54.

³ Bloom, *Um Mapa da Desleitura*, p. 172.

nos moldes, porém desses pensadores radicais⁴. Nele, o tempo é nosso único bem, nosso valor supremo. Por isso, convém salvaguardá-lo de fazeres inúteis, de prazeres mentais que só se referem à glória⁵, que é reivindicação absurda diante de nossas imperfeições⁶, e, como rege a boa educação, economizar também o tempo alheio. Por isso, convém não nos estendermos mais, e terminarmos com um conselho do próprio Richard Serra que sintetiza bastante bem a visão americana de construção do mundo que tentamos, ao longo dessas páginas demonstrar: “Você tem realmente de matar seus heróis. Eu inclusive. Livre-se deles todos e comece de novo”.⁷

⁴ Incluímos Montaigne nesse grupo restrito.

⁵ “Todo prazer mental ou é glória ou termina se referindo à glória no final”. Thomas Hobbes, p. 28.

⁶ Não podemos deixar de cita-lo: “A glória e a honra só a Deus pertencem, portanto nada seria mais absurdo do que as reivindicarmos. Somos essencialmente tão pobres, tão necessitados, tão imperfeitos, que nossa preocupação maior deve ser a de trabalhar continuamente para nos melhorarmos ... cumpre correr ao mais urgente: ‘Glória a Deus nas alturas e paz aos homens na terra’ ... temos penúria de beleza, saúde, sabedoria, virtude e outras coisas de primeira necessidade, antes de obter o que nos adorne exteriormente.” *Ensaio*, p. 424.

⁷ Palestra de Richard Serra no Centro de Arte Hélio Oiticica. *Richard Serra: Rio Rounds*, p. 35.